



O CENTENÁRIO DO MARECHAL CONDE D'EU

Tenente Dr. GUILHERME AULER

(Do Instituto Arqueológico e Histórico Pernambucano)

O centenário do nascimento, 28 de abril, do Príncipe Gastão de Orleans, não merece só a comemoração do Instituto Histórico Brasileiro, do qual ele era o sócio mais antigo quando faleceu. Cabe ao Exército, este mesmo Exército que esteve sob seu comando, gloriosamente, a iniciativa vibrante de solenizarmos com dignidade a sua memória, que nos recorda os louros da chamada Campanha das Cordilheiras.

O General Osório, glorioso Marquez de Herval, no banquete que lhe foi oferecido no Rio de Janeiro, a 25 de maio de 1887, deixou-nos um julgamento definitivo sobre o esposo da Princesa Isabel, a Redentora: "Brindo o Sr. Conde d'Eu, meu companheiro d'armas, que sempre prodigalizou-me as maiores provas de consideração, brindo-o pelo seu valor, pela sua coragem e pela justiça com que administrou o Exército; brindo-o por que no Paraguai deu sempre provas de amar o Brasil e dedicar-se ao seu serviço como os Brasileiros que lá serviram" (1).

Recapitulemos algumas das fases da vida do Marechal, que a 22 de março de 1869, assumiu o comando em chefe das nossas tropas, no Paraguai.

Nasceu Gastão de Orleans, a 28 de abril de 1842, no castelo Neuilly-sur-Seine, França, primogenito do Duque de Nemours, segundo filho do Rei Luiz Felipe. Aos seis anos de idade, foi exilado para a Inglaterra, devido ao movimento político que destronou o avô. O palácio de Claremont, propriedade do Rei Leopoldo da Bélgica, foi o asilo que acolheu os banidos.

(1) "Algumas cartas do Conde d'Eu", por MAX FLEIUSS, anexo ao volume 61 da Coleção Brasileira, página 238.

Cedo, escolheu a carreira das armas, que era uma tradição da sua estirpe. Na Espanha, onde seu tio o Duque de Montpensier ocupava lugar de relevo, pois era casado com uma irmã da rainha Isabel II, obteve licença para cursar uma academia militar, a de Segovia. Teve os seus estudos interrompidos pela atração que todo verdadeiro militar sente: a participação ativa em combate, no campo de batalha. A dois passos estava o misterioso Marrocos, onde seu pai e seus tios fizeram maravilhas de coragem e arrojo. Concedida licença especial, Gastão de Orleans combateu valentemente nas areias africanas, sob as ordens do General Leopoldo O'Donell, mais tarde Duque de Tetuan, em 1860. Regressou à Academia de Segovia, a fim de terminar seu curso, trazendo a medalha de São Fernando e os galões de capitão, conquistados bravamente em campo de batalha.

Em 1864, a 2 de setembro, o Conde d'Eu chegou ao Rio de Janeiro, viajando a bordo do "Paraná". E, a 15 de outubro, contraia matrimônio com a Princesa Dona Isabel, herdeira do trono do Imperador Pedro II. Logo em seguida, os recém-casados viajaram para a Europa, onde passaram a lua de mel.

Nesse mesmo ano, em dezembro, o Paraguai invadiu o Brasil, ocupando Mato Grosso e Rio Grande do Sul, isto é, parte do território dessas então províncias. O Imperador, a 10 de julho, seguiu para o teatro da guerra, animando e encorajando com sua presença as nossas tropas, numa posição de grande inferioridade.

Às pressas, regressaram da sua viagem nupcial o Conde d'Eu e Dona Isabel. Chegados ao Rio de Janeiro, tiveram notícia que havia sete dias Dom Pedro partira, fardado de "Voluntário da Pátria". Gastão de Orleans seguiu o sogro, alcançando-o finalmente a 15 de agosto, em Caçapava. As impressões dessa viagem foram escritas num valioso diário, intitulado "Diário de uma viagem ao Rio Grande do Sul", que foi publicado no tomo 25 da Revista do Instituto Histórico Brasileiro, e muito posteriormente impresso em livro (2).

(2) "Viagem militar ao Rio Grande do Sul", pelo CONDE D'EU, Comp. Editora Nacional, 1936.



MARECHAL GASTÃO DE ORLEANS
CONDE D'EU

De volta, o Príncipe Consorte insiste com Dom Pedro para que lhe permita reunir-se às tropas. Até em carta, de 11. de outubro de 1866, ele assim se manifesta: "Senhor. Acusando o recebimento da carta de V. M. datada de hoje, só me resta agradecer-lhe a prontidão com que V. M. me anuncia que submeterá meus desejos a seus conselheiros, e declarar que, no caso de achar exequível a minha aspiração, a posição que prefiro, mas não exijo, é a de comandante de artilheria do Exército em operações sob as ordens do Marquez de Caxias (ou outro general em chefe). Si eu não puder, nessas condições ou em outras, reunir-me àquele Exército, não tenciono conservar o comando geral da Arma de Artilheria, — cargo que, exercido aqui, me parece sem eficácia, enquanto durar o estado de guerra. Repito-me, com todo respeito, de V. M. filho e subdito dedicado".

A impressão, que nos deixa essa carta, é a independência de caráter cuja qualidade máxima sempre foi a sinceridade, a franquesa. Ou ele seguia para a frente de combate, como lhe competia, ou renunciaria o comando "honorario" da Artilheria. Finalmente, a 22 de março de 1869, Dom Pedro nomeou-o Comandante em chefe das tropas brasileiras. E' ainda, o Príncipe Consorte quem comenta: "Fiz todo esforço possível para conseguir do Imperador que me permitisse acompanhar o exército que ia transpor o Uruguai e invadir o território paraguaio. Foi debalde, assim como também o Governo Imperial sempre se negou a anuir aos instantes pedidos que em 1866, 1867 e 1868 sucessivamente formulei para ser autorizado a ir juntar-me ao exército que combatia no Paraguai, com qualquer posto que se me designasse. Só em fim de fevereiro de 1869, achando-me em Petropolis, fui repentinamente convidado por carta do Imperador a ir tomar o comando do exército paralizado depois das brilhantes vitórias do mês de dezembro anterior e da ocupação de Assunção" (3).

A 13 de abril, o Conde d'Eu já estava em Assunção. E, três dias após, assumia o comando em chefe. O seu primeiro cuidado foi conseguir a volta do General Osório para a frente de combate, o qual tendo recebido um ferimento no rosto ainda estava convalescente. Osorio, "o primeiro a carregar e o último

(3) Idem, idem, página 167.

a sair", com as suas feridas ainda não cicatrizadas, falando com dificuldade e o queixo preso por ataduras, recebe ao regressar à frente "uma verdadeira apoteose, uma consagração extraordinária ao insigne brasileiro" (4).

O que foi a ação do novo comandante em chefe, relata-nos o "Diário do Exército" escrito pelo então Tenente Alfredo d'Escragnotle Taunay, mais tarde Visconde de Taunay. Posteriormente, esse "Diário" foi editado em dois volumes, intitulados "A campanha da cordilheira" e "De Campo Grande a Aquidaban". Outra fonte histórica de valor é a tese do 1.º Congresso de História Nacional, intitulada "A campanha das cordilheiras" de autoria do Cel. Antônio Dias de Oliveira, publicada no quinto volume dos anais, e sobre a qual o próprio Conde d'Eu escreveu: "pareceu-me excelente esse trabalho" (5).

Há quem procure crear uma atmosfera de pouca cordialidade entre Caxias e o Príncipe Consorte, atribuindo existência de susceptibilidades, o que levara o primeiro, na sua ordem de dia n.º 272, dar a guerra como terminada. Ora, é o próprio Caxias quem desmente tudo, no seu discurso de 15 de julho de 1870: "Senhores, nunca dei a guerra por acabada. Apenas manifestei a minha opinião. Depois do que vi, depois do que se passou, eu não podia supor que Lopez pudesse ainda continuá-la do modo como a tinha sustentado até então. Qual foi o ato que pratiquei, quais as forças que mandei retirar das posições em que se achavam, dando por finda a guerra? Não há nenhuma" (6).

O exército brasileiro, sob o novo comandante, estava assim constituído: 1.º Corpo sob o comando do General Manuel Osório; 2.º Corpo sob comando do General Polidoro da Fonseca Quintanilha Jordão; Artilharia sob comando do General Emilio Malet; Comandantes da Infantaria: Brigadeiro Carlos Resin, José Auto da Silva Guimarães e Coronel Herculano Pedra; Comandantes da Cavalaria: Brigadeiros Mena Barreto, Correia da Camara

(4) "Osório", pelo Cap. DE PARANHOS ANTUNES, página 23.

(5) Carta ao Sr. MAX FLEIUSS, em 12 de setembro de 1917. Obra citada, página 253.

(6) Trecho do discurso do Duque de Caxias, n.º o Serado Imperial, em 15 de julho de 1870. Vide "Conde d'Eu", por LUIZ DA CAMARA CASCUDO, página 86.

(Visconde de Pelotas), *Alves Pereira, Oliveira Bueno e Carlos Oliveira Neri.*

Assim constituídas, as nossas tropas avançaram. Logo é a tomada de Peribebui, terceira capital de Solano Lopez. Em seguida, a esmagadora vitória de Campo Grande. Mas, não precipitemos os acontecimentos da campanha das cordilheiras. Será preferível relatá-los, usando uma espécie de "câmara-lenta". Tomemos como fonte histórica o capítulo 28 do livro "Sob o Cruzeiro do Sul", que foi escrito sob inspiração direta do Conde d'Eu, conforme ele próprio confessou em carta ao sr. Max Fleiuss (7).

Lopez, depois de ordenar um novo recrutamento geral e de criar em Caacupé um novo arsenal com capacidade de produção de 2 a 3 canhões por semana, abandonou as planícies e se entrincheirou fortemente atrás das montanhas de Ascurra, cuja única estrada comunicante era uma "verdadeira escadaria de pedra marginada de inacessíveis muros de rochedos". Seguir a estrada era impossível. Concebeu, então, o Príncipe Consorte um plano ousado: contornar pelo flanco. A manobra a executar apresentava sérios inconvenientes, devido ao serviço de intendência, bastante precário, pois tudo se precisava ir buscar em Buenos Aires, tal era o estado de esgotamento do país, que nem os gêneros de primeira necessidade podia suprir ao exército.

Enquanto se simulava um forte ataque direto contra a estrada de Ascurra, o grosso das tropas, aproveitando a escuridão da noite, em marchas forçadas, iniciava o contorno. A ousadia do plano era tamanha que nem o próprio Lopez suspeitou da sua execução. O desfiladeiro de Sapucaí foi contornado sem se disparar um tiro, e o de Valenzuela após breve escaramuça. Estava, pois, vencido o mais difícil, que era destruir as fortificações naturais.

(7) "Sob o Cruzeiro do Sul", por DOM LUIZ DE BRAGANÇA. Com referência à guerra do Paraguai há os capítulos 25, 26, 27 e 28, páginas 366 a 407. Solicitado a escrever uma tese sobre a Campanha das Cordilheiras, para o Congresso Nacional de História, realizado em 1914, o Conde d'Eu respondeu em carta ao Sr. Max Fleiuss, de 13 de julho de 1914, que "não teria podido neste curto espaço de tempo fornecer-lhe esclarecimentos mais desenvolvidos do que os que indiquei a meu filho Luiz e este enunciou na sua festejada obra "Sob o Cruzeiro do Sul".

À esquerda, o ditador paraguaio tinha fortificado a cidade de Peribebui. Logo, é assaltada pelas nossas tropas e tomada, sendo de se lamentar nessa jornada a perda do General Mena Barreto, caído no campo de honra. Mais adiante achava-se Caacupé, onde o inimigo improvisara um arsenal e se julgava que Lopez se encontrasse. Este, ao ter noticia da derrota da sua ala esquerda, abandona suas tropas ao general Caballero e escapa para o norte.

Essas tropas paraguaias ficam entre os dois corpos do exército brasileiro. A 16 de agosto trava-se a batalha de Campo Grande, cujo resultado foi catastrófico para o inimigo. A presença do ditador é assinalada em Caraguatái; imediatamente abalam para lá contingentes nossos, ocupando esse posto, mas de Lopez só havia a fumaça do incendio propositado do restante da esquadra inimiga encalhada no estreito do rio Jaguá.

Em menos de um mês, o inimigo perdera 3 mil mortos, 4.500 prisioneiros, 81 bocas de fogo e todo o seu material de intendência. Mas, Lopez ainda resistia hoje aqui, amanhã acolá, numa guerrilha estafante.

Chegado a esse ponto, as nossas possibilidades esgotaram-se. Não havia mais intendência, e diante das nossas tropas estavam pântanos desertos e desconhecidos. Era preciso organizar uma nova expedição.

Obtida a pacificação de todo Paraguai oriental, as nossas tropas concentraram-se em Rosário. O inimigo localizara-se numa nova capital: Curuguati. Enquanto duas colunas ficaram operando a norte e leste a-fim-de interceptar quaisquer comunicações, o Conde d'Eu à frente do 1.º corpo do exército marcha contra Curuguati, que foi tomada a 2 de novembro. Em seguida, caíram Iguatemi, Itarara e Nanducarai, posições para onde o ditador se locomovera, uma após outra.

Lopez, encurralado, estabeleceu-se no extremo norte do Paraguai. Mas, se o inimigo estava desbaratado e sem nenhuma possibilidade de resistência, as nossas tropas mais uma vez estavam com o serviço de intendência desorganizado, sofrendo privações, quasi sem alimentos, comendo uma farinha vegetal extraída de uma arvore — a Mbopica, — ou fazendo sopa dos arreios dos

cavalos. Nessa situação, o Conde d'Eu ordenou a retirada, deixando porem tropas suficientes, sob comando do General Guimarães, que garantiam o prosseguimento da limpeza da região de bandos armados inimigos.

Desde então, o ditador vai sucumbindo gradativamente, cercado como está, numa região desprovida de recursos. Em fevereiro de 1870, chegam notícias que ele está acampado em Cerro Corá, na margem direita do Aquidaban. O General Câmara inicia a sua captura, cujo desfecho é trágico: prefere morrer a se entregar, como prisioneiro.

Sómente, com a captura ou morte de Solano Lopez a guerra estava terminada. E, assim aconteceu.

Que o Conde d'Eu deu provas de ser um estrategista consumado, indica o sucesso da campanha da cordilheira. O seu plano de contornar Ascurra pelo flanco fazendo crer ao inimigo que o ataque seria direto pela frente, é alguma coisa de genial. Dessa vitória dependeu tudo mais, pois nela Lopez perdeu a sua terceira capital e o seu quarto exército. Principalmente, se salientarmos que as nossas tropas tomaram o desfiladeiro de Sapucaí, sem disparar um tiro, sem nenhuma perda.

A narração de Taunay contém inúmeros exemplos de bravura pessoal, da coragem, sangue frio do Príncipe Consorte. É bastante citado o seguinte fato, que bem demonstra e ilustra o seu arrojo. Num avanço, o Príncipe está na primeira linha, onde as balas inimigas sibilam à direita e à esquerda. O capitão Salgado pede licença para observar-lhe que se estava expondo muito. A resposta do Conde d'Eu foi fustigar o seu cavalo e avançar ainda mais. Nesse momento, o seu ajudante de ordens, Capitão Almeida Castro, atravessa-se na sua frente e prende o cavalo pelas redeas. Gastão de Orleans ordena ao seu subordinado que largue as redeas, ao que não foi obedecido. — “Está preso, sr. Castro”, disse-lhe o Marechal, que obteve a seguinte resposta: — “Quero ser preso, mas quero salvar a vida de Vossa Alteza”.

O chamado episódio da batalha de Campo Grande, imortalizado pelo magnifico quadro de Pedro Américo, teve a seguinte descrição de Taunay: “Foi quando o Conde d'Eu por seu turno transpoz o ribeirão e, apenas do outro lado, correu gravissimo

perigo. Um batalhão paraguaio, reformado à borda do mato, de lá saiu com temível fúria e caiu sobre um corpo de infantaria, atrás de cuja linha singela então nos achavamos. Este não resistiu ao impeto do inimigo e debandou, deixando-nos absolutamente sem proteção. Vi-me perdido. O Conde d'Eu sacou da espada, no que todos o imitamos e pusemos os cavalos a galope indo ao encontro da carga. Aí, porém, outro batalhão nosso em desapoderado marche-marche pode a tempo repelir o ataque, encurralando os paraguaios de novo junto à beira do mato, onde os fusilou com a maior energia”.

E' ainda Taunay, quem nos conta o seguinte: “Nesses incessantes reconhecimentos, às vezes, seguindo um dia após outro, mostrou o Príncipe grande habilidade estratégica, paciência de experimentado capitão, indiscutível coragem e notável sangue frio. Uma vez, diante da picada de Ascurra com cuja boca enfrentávamos, convidou-nos, a mim e ao Salgado, para nos aproximarmos mais que fosse possível. “Pelo menos, observei, convem que ponhamos as capas dos bonés para ocultarmos quem vai expor-se tanto e as nossas próprias divisas de oficial”. — “Com efeito, concordou o Conde d'Eu, é precaução bem lembrada”. E tirando do bolso as capinhas brancas tão de uso no exército todo, o que fazia com que os paraguaios nos chamassem numa palavra guaraní que agora me escapa — cabeças brancas — assim nos adiantamos. Chegamos, pois, mais e mais, e contamos sete ou nove peças de grosso calibre assestadas. Tão perto estávamos que distingui perfeitamente as feições e barbas dos artilheiros a postos. Um daqueles canhões que disparasse então e estávamos perdidos, o Conde d'Eu e nós dois. Precisava, porém, o comandante em chefe patentear bem claramente ao seu exército, que sabia ser valente e não tinha medo da morte. Nesse dia voltei para o meu quartinho, com a convicção de que nascera outra vez” (8).

Das suas ideias, queremos focalizar dois aspectos. O Príncipe Consorte era um abolicionista declarado. Sob sua inspiração, foi promulgada no Paraguai a lei da extinção dos escravos a

(8) “Recordação de guerra e de viagem”, pelo VISCONDE DE TAUNAY.

2 de outubro de 1869, o que não deixa de ser curioso, pois no Brasil, a lei do ventre-livre é de 1871, a dos sexagenários de 1885, e finalmente a da abolição total de 1888.

Nunca teve o preconceito da cor. Certa vez, por ocasião de um baile no palácio imperial, notou que André Rebouças fôra recusado por várias damas a quem convidára para dançar. Rebouças, bastante escuro, experimentou uma surpresa desconcertante, quando viu diante de si o Príncipe Consorte, que lhe trazia a Princesa Isabel como par de uma valsa.

Militar de alma, dedicou-se sempre ao exército. "Fez regulamentos, projetos de lei para organizar a tropa de acordo com o espírito militar moderno e aperfeiçoamento de seu material de guerra. Socialmente fundou escolas, bibliotecas, colonias orfanológicas, para a infância desvalida, visitando semanalmente os institutos de caridade e de educação técnica" (9).

Gastão de Orleans era um verdadeiro militar. Desse estribilho usaram até como arma política, em documentos, como o que foi divulgado pelo dr. Felício dos Santos, onde se lê: "O príncipe consorte, sr. Conde d'Eu, é um homem avarento, educado na fatal escola do direito divino e do predomínio militar" (grifo nosso). O seu amor pelo exército, o seu desvelo pelo nosso aparelhamento bélico, serviam de argumentos para ataque dos adversários: "educado na fatal escola do predomínio militar"... (10)

Para o Exército Brasileiro, esse ataque constitui a melhor prova de quanto o Conde d'Eu é credor de homenagens e celebrações.

Ao comemorarmos o centenário do seu nascimento, façamos continência ao Marechal vitorioso das Cordilheiras, ao herói de Campo Grande. Dentro da bruma do passado, a sua silhueta aparece comandando-nos um: Viva o Brasil !

(9) "Conde d'Eu", por CAMARA CASCUDO, página 114.

(10) Revista "Tradição", Recife, n.º 2, setembro de 1937, página 13.